



**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL**  
**GABINETE DO DEPUTADO DISTRITAL CHICO FLORESTA**

Em 16 / 05 / 06

99B

Assessoria de Plenário

ASSESSORIA DE PLENÁRIO  
 Recebido em 11 / 05 / 06 às 14:50  
 99B 15.496-13  
 Assessoria de Plenário

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº**

**PDL 633/2006**

**(Do Sr. Deputado CHICO FLORESTA)**

Ao Protocolo Legislativo para registro e, em seguida à CAS e CCJ.

Em, 16 / 05 / 06.

99B

Assessoria de Plenário  
 Chefe da Assessoria de Plenário

**Concede o Título de Cidadão Honorário de Brasília *post-mortem* ao Senhor AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU.**

**A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:**

**Art. 1º** Fica concedido o título de Cidadão Honorário de Brasília *post-mortem* ao Senhor AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU.

**Art. 2º** Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

**JUSTIFICAÇÃO**

Auguste François Marie Glaziou, botânico francês que integrou a Comissão Exploratória do Planalto Central do Brasil no final do século XIX, celebrizada como Missão Cruls, é um nome pouco conhecido pelos habitantes de Brasília.

No entanto, teve papel fundamental para a escolha do local para a instalação na nova Capital da República e para a construção da barragem que formou o lago Paranoá. Na época, buscava-se superar os problemas das cidades sem planejamento, baseando a seleção do sítio em fatores econômicos e científicos, bem como nas condições do clima e a beleza do lugar. Varnhagen, Cruls e Glaziou, que compunham a Comissão exploratória, a princípio delimitaram um triângulo formado entre três lagoas: Feia, Mestre d'Armas e Formosa.

Glaziou propôs amenizar a secura do lugar com um lago e descreve o sítio para Cruls, em 1893: "entre os dois chapadões, conhecidos na localidade pelos nomes de Gama e Paranoá, existe imensa planície em parte sujeita a ser coberta pelas águas da estação chuvosa; outrora era um lago devido à junção de diferentes cursos de água formando o rio Parnauá; o excedente desse lago, atravessando uma depressão do chapadão, acabou, com o carrear dos saibros e mesmo das pedras grossas, por abrir nesse ponto uma brecha funda, de paredes quase verticais pela qual se precipitam hoje todas as águas dessas alturas. É fácil compreender que, fechando essa brecha com uma obra de arte (dique ou tapagem provida

PROTOCOLO LEGISLATIVO  
 PDL Nº 633 / 06  
 FIS. Nº 01 R 17A

Handwritten signature



de chapeletas e cujo comprimento não excede de 500 a 600 metros, nem a elevação de 20 a 25 metros) forçosamente a água tornará ao seu lugar primitivo e formará um lago navegável em todos os sentidos, num comprimento de 20 a 25 quilômetros sobre uma largura de 16 a 18. Além da utilidade da navegação, a abundância de peixe, que não é de somenos importância, o cunho de aformoseamento que essas belas águas correntes haviam de dar à nova capital, despertariam certamente a admiração de todas as nações".

Glaziou nasceu em Lannion, na região da Bretanha, França, no dia 30 de agosto de 1833. Após formar-se em engenharia civil, estudou botânica no Museu de História Natural de Paris, onde aprofundou os seus conhecimentos em agricultura e horticultura.

Em 1858, a convite do Imperador D. Pedro II, Glaziou vem para o Rio de Janeiro para coordenar a Diretoria de Parques e Jardins da Casa Imperial, sendo que somente em 1869, pelo decreto de 26 de janeiro, que se oficializa esta nomeação.

A importância de Glaziou para o Brasil foi ter introduzido entre nós uma reflexão original sobre o paisagismo urbano, no mesmo momento em que se criavam praças e jardins públicos.

Devemos a ele a descoberta de diversas espécies que receberam o seu nome, como as do gênero de bignoniáceas - Glaziovia e a maniçoba - Manihot glaziovii; e a adoção de plantas brasileiras em praças e ruas, destacando-se o oitizeiro, que hoje é um elemento marcante nas ruas de várias cidades.

Glaziou permaneceu no Brasil até 1897, quando, pelo decreto nº 402 de 07 de maio, foi aposentado do cargo de Diretor de Parques e Jardins. Retornou à França, onde morreu em 1906

Botânico dedicado e estudioso, Auguste Glaziou coletou inúmeras plantas e hoje sabemos que o epíteto glaziovii está ligado a 236 espécies classificadas.

Segundo Carlos Gonçalves Terra, in O Jardim no Brasil do Século XIX: Glaziou Revisitado, UFRJ/EBA, 1993 - a obra de Glaziou pode ser agrupada em três grupos, de acordo com a documentação sobre seu trabalho.

O primeiro grupo foi definido a partir da opinião, não documentada, de alguns historiadores e da imprensa, inclui: Praça Tiradentes, Largo de São Francisco, Jardins do Palácio do Catete, Jardim da Casa da Marquesa de Santos - no Rio de Janeiro, e, Jardim da Aclimação em São Paulo e o Parque do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora.

PROTOCOLO LEGISLATIVO  
PDL Nº 633 / 06  
Fis. Nº 02 R 17A



O segundo grupo, constituído a partir de projetos por ele assinados ou documentos que mencionam a sua autoria inclui: o jardim do Palácio Imperial de Petrópolis, o Parque São Clemente em Nova Friburgo, a Praça D. Pedro II (atual Praça XV de novembro) no Rio de Janeiro.

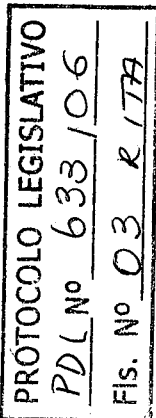
O terceiro grupo, mais significativo, são comprovadamente obras de Glaziou, com farta documentação e projetos de execução dos mesmos. No Rio de Janeiro, ainda mantendo algumas características originais existem: a reforma do Passeio Público, o jardim da Quinta da Boa Vista e o Campo de Santana.

Com o apoio do jovem engenheiro Pereira Passos, o botânico francês François Glaziou foi encarregado de conceber reforma do jardim da Quinta da Boa Vista e projetou um grande parque à inglesa, ornado com alamedas, lagos e grutas artificiais, sem deixar de aproveitar motivos oferecidos pela própria flora brasileira. Era grande também a quantidade de animais, como veados, pavões, cisnes, irerês e cotias, das quais restaram poucas sobreviventes ao tempo. O novo jardim foi inaugurado em 7 de setembro de 1880, com a presença do Imperador e grande público, em comemoração à Independência Nacional.

Hoje, a Quinta da Boa Vista é um dos principais locais de lazer da população do Rio de Janeiro, que pode levar suas crianças para brincar nos maravilhosos jardins de Glaziou, com suas grutas, rios, lagos e canteiros, sem falar do imperdível visita ao Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, que também fica localizado na Quinta e por onde se entra através do Portal Monumental que na época do Império era o portão que dava acesso ao Paço Imperial. Em homenagem ao botânico francês, foi colocado um busto seu, em mármore Carrara, na alameda das Sapucaias.

Além disso, Glaziou participou da recuperação da Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, hoje transformada em Parque Nacional. No século XIX após anos de desmatamento intenso devido ao plantio de café, aquela área foi totalmente devastada. O reflorestamento foi uma iniciativa pioneira em toda a América Latina. O replantio foi feito com espécies, em sua maioria, nativas do ecossistema da Mata Atlântica.

Neste ano de 2006 são passados 100 anos do falecimento de A. Glaziou. Justo é, portanto, homenagear sua memória.





Além de todo o trabalho em prol do embelezamento e da criação de espaços públicos de lazer que possibilitassem o contato com a natureza, que realizou na capital de então, o Rio de Janeiro, Glaziou teve uma percepção bastante sensata sobre a necessidade de se “recriar” o lago Paranoá, no local que iria abrigar a futura capital, mais de seis décadas depois.

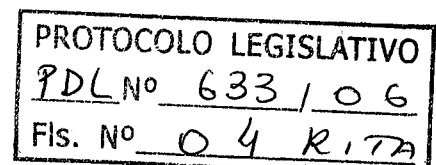
O lago Paranoá deve, certamente, sua existência à iluminação desse ilustre paisagista francês, que influenciou as gerações que o sucederam para a necessidade de conservação da Natureza.

Quero registrar nesta oportunidade a grande contribuição do Arquiteto Marcelo Montiel da Rocha em resgatar tão relevante contribuição do homenageado, especialmente, no artigo “Dr Glaziou – o Profeta de Brasília”, que publicou no Boletim do Sindicato dos Arquitetos do DF, em setembro de 2001, aqui anexado.

Assim, rogamos aos membros da Câmara Legislativa do Distrito Federal a aprovação dessa homenagem a Auguste Glaziou, que reúne todos os atributos para merecer o título de Cidadão Honorário de Brasília.

Sala das Sessões, em \_\_\_\_\_ de 2006.

  
**CHICO FLORESTA**  
Deputado Distrital - PT/DF





COORDENADOR DA DIRETORIA  
 DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS  
 DIRETOR DE ASSUNTOS TRABALHISTAS  
 DIRETOR DE ASSUNTOS PROFISSIONAIS  
 DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS

ANTÔNIO MENEZES JÚNIOR  
 SAMUEL LEANDRO SANTANA  
 SILVANO DA SILVA FERREIRA  
 THEOBALDO OLIVEIRA  
 BENNY SCHVASBERG

DIRETORES SINDICAIS

ANTÔNIO MENEZES JÚNIOR  
 DENISE CAMPOS GOULVÊA  
 MARCELO MONTEIL DA ROCHA  
 SEBASTIÃO CARNEIRO

CONSELHO FISCAL - TITULARES

PEDRO BRAGA NETO  
 SANDRA LUIZA LAMBERT RIBEIRO  
 LUIZ PHILIPPE PERES TORELLY

EXPEDIENTE

CORREIOS  
 IMPRESSO ESPECIAL  
 5202001 DP/CR  
 CREA/DF

Dr. Glaziou - O Profeta de Brasília

A transferência da capital do Brasil para o Planalto Central faz parte de um acontecimento maior que diz respeito não só ao processo da urbanização brasileira das últimas décadas - um dos fenômenos mais surpreendentes do século XX - como também aos aspectos político-estratégicos.

A ideia da transferência da capital surge na época do Império, mas só no início do período republicano, ainda no século XIX, inicia-se o processo, quando o diretor do Observatório Nacional, Luiz Cruls, chefia uma comissão e demarca a futura área do Novo Distrito Federal. Nos anos 50, já no século XX, a NOVACAP com as informações complementares do Relatório Belcher selecionou os sítios mais adequados para a construção da futura capital.

Além das questões estratégicas de segurança nacional, a escolha do local para a implantação da cidade estava vinculada às características naturais do terreno, e aos aspectos ideológico-simbólicos. Essa decisão da mudança faz parte de um quadro político muito mais complexo do que o comício de Jataí - quando perguntaram a Kubitschek se transferiria a capital - poderia supor.

É importante observar que o sítio escolhido, o castanho, coincide com as observações feitas em 1895 pelo Dr. Glaziou, o botânico que fazia parte da Comissão Cruls. Vale a pena destacar o discreto, mas importantíssimo, papel desse francês, responsável pela criação de alguns parques na cidade do Rio de Janeiro. Auguste Glaziou, há mais de cem anos, anteviu a futura capital do Brasil às margens de um lago. Depois de conhecer e avaliar toda essa região, a partir do acampamento às margens do córrego hoje conhecido como Córrego Acampamento, o Dr. Glaziou nos fala sobre esta região entre o Ribeirão Bananal e o Córrego do Riacho Fundo: "Em parte alguma do Planalto Central do Brasil encontrei vantagem idêntica (...) às outras localidades por mim exploradas, e não admitindo a menor comparação". O Dr. Glaziou foi na mosca! Vislumbrou o lago com barcos à vela como se fosse hoje. Além disso, para ele, esse vale fora um lago no passado; o lago já tinha existido!

Esse ilustre desconhecido também nos diz: "Nesse sítio, ainda, a extrema suavidade dos acidentes naturais do terreno não requer trabalho algum preparatório (...) para o arruamento ou a delimitação dos bulevares, nem para a edificação, quer numa ou noutra direção". Se não bastasse essa singela observação sobre o "majestoso vale", o Dr. Glaziou ainda sugeriu um eixo Leste e Oeste - usado com maestria como Eixo Monumental por Lúcio Costa - quando concluiu dizendo "(...) quer numa ou noutra direção." Essa percepção transcendente da topografia local foi o ponto de partida do Plano Piloto de Lúcio Costa.

Em contraste com essas informações e documentos que incentivaram a transferência da capital, vale ressaltar o descaso à sabedoria dos índios, que sempre se mostrou pouco interessada na ocupação desse pedaço do Planalto Central.

Outro aspecto pouco esclarecido da gênese da futura capital está relacionado aos estudos preliminares dos projetos. Tudo indica que os projetos da futura capital foram, grosso modo, virtuais, uma vez que não temos notícia da visita "in loco" feita pelos concorrentes; apesar das facilidades oferecidas pela NOVACAP "para melhor conhecimento da região", conforme nos informa o Edital. É natural que naqueles tempos a visita "in loco" seria loucura, principalmente para os arquitetos dândis, que não apreciavam muito o lado sertanejo destas veredas.

Em todo caso, faz parte da concepção de um projeto arquitetônico-urbanístico conhecer o local sobre o qual se realizará a obra. Esse princípio não foi comum na realização dos projetos de Brasília. Os projetos foram elaborados a partir de algumas poucas informações e dos levantamentos da aerofotogrametria "hi-tech" da firma Belcher - que em dez meses havia providenciado o que levaria dez anos pelos métodos tradicionais.

As proféticas palavras do Dr. Glaziou, encantado diante da geomorfologia do Cerrado, ressaltando a bondade natural do terreno, e indicando o local para se construir uma barragem com o intuito de materializar o fantasma do "seu" Lago, nos faz lembrar a bela peça musical impressionista de Debussy "A Catedral Submersa"; que volta à tona pela fé, enquanto que o nosso lago resurge também pela fé, mas não mais religiosa e sim pela fé da "filosofia desenvolvimentista" daqueles anos.

As observações glaziouianas deixam à sombra o controverso sonho de Dom Bosco. De nossa parte, essas observações merecem uma atenção maior. Além disso, não só a descrição, mas também suas expressões na descrição das características do local, para a implantação da futura cidade, foram incorporadas ao Relatório do Plano Piloto de Brasília. Tudo indica que Lúcio Costa leu, com muita atenção, as observações do Dr. Glaziou.

Marcelo Montiel da Rocha

PROTOCOLO LEGISLATIVO  
 PDL Nº 633 / 06  
 FIS. Nº 05 RITA